

A VIDA FAMILIAR NO MASCULINO
Negociando velhas e novas masculinidades

Coordenação | Karin Wall
Sofia Aboim
Vanessa Cunha

ÍNDICE GERAL

Índice de quadros e gráficos	5
Notas sobre as autoras	7
Agradecimentos	9
INTRODUÇÃO	11

PARTE I

ESTADO, FAMÍLIA E TRABALHO: DO GANHA-PÃO MASCULINO AO DUPLO EMPREGO NO CASAL	37
Cap. 1 Género, família e mudança em Portugal	39
<i>Sofia Aboim</i>	
Cap. 2 Os homens e a política de família	67
<i>Karin Wall</i>	

PARTE II

HOMENS ENTRE O TRABALHO E A FAMÍLIA	95
Cap. 3 A conciliação entre a vida profissional e a vida familiar em casais com filhos: Perspectivas masculinas	97
<i>Karin Wall</i>	
Cap. 4 A articulação família-trabalho em famílias monoparentais masculinas	129
<i>Sónia Vladimira Correia</i>	

PARTE III

VIDA CONJUGAL E IDENTIDADES MASCULINAS	157
Cap. 5 Conjugualidades no masculino: Renegociando poderes e identidades no quotidiano	159
<i>Sofia Aboim</i>	
Cap. 6 Os discursos de género: Mudança e continuidade nas narrativas sobre diferenças, semelhanças e (des)igualdade entre mulheres e homens	225
<i>Maria do Mar Pereira</i>	

COMISSÃO PARA A IGUALDADE NO TRABALHO E NO EMPREGO

Título: "A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades"

Colecção: "Estudos"

Coordenação: Karin Wall
Sofia Aboim
Vanessa Cunha

Edição: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego
Rua Viriato, n.º 7 – 1.º, 2.º e 3.º – 1050-233 LISBOA
Tel.: 217 803 700 • Fax: 213 104 661
E-mail: cite@cite.gov.pt • Sítio: www.cite.gov.pt

Execução gráfica: Editorial do Ministério da Educação

Depósito Legal: 306 082/10

ISBN: 978-972-8399-46-7

Tiragem: 2000 exemplares

Lisboa, 2010

O conteúdo desta publicação não reflecte necessariamente a posição ou opinião da Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego

PARTE IV

CONSTRUINDO A PATERNIDADE.....	263
Cap. 7 Projectos de paternidade e a construção da fecundidade conjugal	265
<i>Vanessa Cunha</i>	
Cap. 8 Perfis de paternidade no Portugal contemporâneo	313
<i>Karin Wall, Sofia Aboim e Sofia Marinho</i>	

PARTE V

PARENTALIDADE MASCULINA NO PÓS-DIVÓRCIO E NA RECOMPOSIÇÃO FAMILIAR.....	333
Cap. 9 Ser pai na residência alternada: Dinâmicas, trajectos e contextos da paternidade	335
<i>Sofia Marinho</i>	
Cap. 10 O lugar do padrasto no quotidiano familiar	397
<i>Susana Atalaia</i>	
CONCLUSÕES: Negociando velhas e novas masculinidades	457
<i>Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha</i>	
Referências bibliográficas.....	473
Anexo I – Apresentação dos entrevistados	501
Anexo II – Guião de entrevista.....	511

ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS

QUADROS

1.1 Tipos de Família.....	25
1.2 “Tempo” biográfico e familiar	27
1.3 Percurso conjugal.....	29
1.4 Percurso parental.....	30
1.5 Caracterização socioeconómica	32
1.1 Evolução da escolaridade e taxa de actividade, 1981-2008.....	43
1.2 Remuneração média mensal de base, no Continente, por sexo Unidade: €.....	43
1.3 População empregada por sexo e profissão, Portugal 2008.....	44
1.4 Trajectória profissional da mulher e do homem em casais com filhos em idade escolar.....	45
1.5 Formas de divisão do trabalho profissional em casais entre os 20 e os 49 anos, em que pelo menos um dos parceiros está empregado (% de casais)	49
1.6 Proporção de “trabalho” realizado sempre ou muitas vezes por cada pessoa/grupo de pessoas por tipo de tarefa actualmente (n=1776).....	51
1.7. Proporção de “cuidados aos filhos” realizado sempre ou muitas vezes por cada pessoa/grupo de pessoas por tipo de cuidado actualmente (n=1776)	52
1.8 Formas de divisão do trabalho doméstico (n=1776).....	54
1.9 Número de horas semanais dedicadas às tarefas domésticas em casais dos 18 aos 65 anos.....	57
1.10 Padrões de divisão do trabalho em casais dos 18 aos 65 anos, por país.....	59
1.11 Atitudes face à divisão do trabalho, Portugal (n=1092)	62
1.12 Atitudes dos homens relativamente aos papéis masculinos na vida familiar e profissional	65
2.1 Licenças no masculino (1984-2009).....	85
2.2 Gozo das licenças em números absolutos, índice sintético de fecundidade e número de nascimentos (2000-2008)	87
7.1 Distribuição percentual de homens e mulheres pela existência ou não de filhos e pelo número médio de filhos, segundo o grupo etário – Portugal, 1997.....	269

CONCLUSÕES

NEGOCIANDO VELHAS E NOVAS MASCULINIDADES

Karin Wall, Sofia Aboim e Vanessa Cunha

O trabalho de investigação que apresentámos ao longo dos vários capítulos deste livro foi produto de uma longa caminhada, mas também, e sobretudo, de uma enorme curiosidade científica e social. Queríamos conhecer uma realidade que até há poucos anos foi permanecendo oculta, apartada dos olhos do público e de um questionamento sociológico rigoroso. Como os leitores e as leitoras não podem deixar de adivinhar, trata-se da realidade dos homens e, mais concretamente, dos lugares que ocupam numa vida familiar e numa sociedade em mudança. A história recente do século xx facilmente justificou a menor preocupação em perscrutar os homens e a masculinidade na vida privada e, claro está, nas relações de género. Face à importância que teve a dominação masculina sobre as mulheres eram, afinal, os novos protagonismos femininos que importava acompanhar e avaliar. Neste sentido, no mundo ocidental ao longo do século xx, as mulheres protagonizaram uma verdadeira “revolução” de práticas e de costumes. Portugal, como sabemos, não constituiu uma excepção e as mudanças que se fizeram sentir, sobretudo depois do 25 de Abril de 1974, ganharam um fôlego dificilmente imaginável alguns anos antes. As mulheres adquiriram, a partir de então, o direito a uma igualdade jurídica e moral que anteriormente lhes era negada, conquistando paulatinamente novas liberdades e também novos lugares no mundo do trabalho e da vida pública em geral. Portugal é hoje, afinal, um dos países europeus onde as mulheres e as mães de crianças pequenas mais trabalham a tempo inteiro. Todavia, as mudanças operadas no feminino, ao mudarem indelevelmente a sociedade e as suas formas de organização, contribuíram para transformar, sem margem para dúvidas, o lugar dos homens na vida privada e até na vida pública. Relativamente consensual será dizer que os antigos modelos de autoridade patriarcal e de ganha-pão masculino cederam, encontrando-se hoje apenas em franjas minoritárias da população. Porém, além desta representação geral que atravessa a sociedade portuguesa da actualidade, muito mais havia e há para saber sobre os novos equilíbrios, tensões e desafios que se colocam aos homens.

Pretendíamos conhecer mais a fundo, e esperamos tê-lo conseguido ainda que parcialmente, as mudanças que têm atravessado a família portuguesa, mas agora numa perspectiva masculina. Sendo certo que, apesar de todas as mudanças na situação das mulheres e dos homens, a transformação dos papéis de género tem conhecido alguns entraves ao longo das últimas décadas, é necessário e urgente conhecer melhor esta realidade a partir do

ponto de vista masculina. O que pensam os homens? Como vêem o seu lugar na família? Como respondem às novas exigências trazidas pelo trabalho das mulheres ou por novas concepções do que deve ser a paternidade? Mais ainda, que factores promovem a mudança e quais constituem entraves a uma participação masculina mais plena na família?

Neste panorama, e agora ensaiando nestas páginas finais um olhar de longe sobre os resultados que aqui apresentamos, o nosso trabalho de investigação junto dos homens que entrevistámos partiu, desde logo, de um duplo objectivo. Em termos simples, queríamos, antes de mais, conhecer a fundo os “lugares dos homens” na família contemporânea portuguesa. Queríamos conhecer os “lugares” e não apenas o “lugar”, pois, mais que diagnosticar tendências singulares, pretendíamos descobrir o manancial de diversidade que se alberga sobre os traços mais gerais da viragem de um modelo desigual de família para ideais de igualdade e formas de organização familiar mais paritárias. Neste sentido, como tentaremos em traços largos sumarizar, a diversidade, mais do que uma preocupação expressa através de um vocábulo tão comumente utilizado, constituiu uma perspectiva teórica e uma ferramenta metodológica através da qual olhámos para a família numa perspectiva masculina. Consequentemente, é agora fácil enunciar o nosso segundo, e talvez mais importante, objectivo: o de apreender os modos distintos de construir esses lugares masculinos no seio da família. Se durante tanto tempo, e tão aprofundadamente, se procurou compreender a entrada das mulheres na vida pública, era agora tempo de estudar o movimento inverso: o da entrada dos homens na vida privada, na família. É certo que a identidade masculina – ou, se quisermos, a masculinidade – sempre esteve, mesmo de fora, intimamente ligada à esfera da família. Segundo os velhos códigos de “ser homem” era aí que os jovens do sexo masculino se tornavam, afinal, adultos, provedores e pais. Patriarcas, portanto. No entanto, com a erosão dos velhos modelos de masculinidade e a construção de novas formas de organizar a vida familiar, também os homens se viram, e se vêem, convocados à mudança e à reconstrução de si mesmos, das suas práticas, dos seus valores e das suas identidades.

Face a estes grandes objectivos e questões que atravessaram, de formas diferentes, os vários capítulos deste livro, pensamos ser muito importante ressaltar três grandes conclusões. Não é nossa intenção passar em revista os resultados de cada capítulo, pois cada um deles apresenta individualmente as suas próprias indagações e conclusões, que o leitor facilmente poderá consultar. No entanto, existem alguns aspectos centrais que ressaltaram da pesquisa que efectuámos junto de todos estes homens pertencentes a tipos

de família e a meios sócio-profissionais diferenciados. Identificá-los, um a um, é o que tentaremos fazer de seguida.

A recusa dos papéis tradicionais e a emergência de novos modelos de masculinidade

Em primeiro lugar, impõe-se uma conclusão muito importante e que atravessa todos os capítulos deste livro, trate-se da divisão do trabalho, da conjugalidade, das dinâmicas de paternidade ou dos discursos sobre os ideais de género e família. A verdade é que, na sua esmagadora maioria, os homens recusam o papel tradicional de único provedor e de principal figura de autoridade dentro da família. Se é possível argumentar, face aos nossos resultados, que os caminhos para a reconstrução da masculinidade são pouco monolíticos e até ambivalentes, é inegável que os homens sabem hoje, muito claramente, aquilo que não querem ser. Seja qual for o caminho seguido, quase todos eles procuram afastar-se das velhas figuras de marido e de pai distante, ausente e autoritário. A figura do “chefe de família”, que emanava dos figurinos ideológicos do Estado Novo, encontra-se posta em causa de modo muito evidente. O distanciamento, em muitos dos casos, face aos modelos de socialização herdados – em que o “pai” representava a autoridade e a disciplina, constituiu um elemento discursivo comum aos homens entrevistados. Em contrapartida, a linguagem da afectividade, do companheirismo, de uma paternidade próxima e intimista substituem os antigos códigos, hoje conotados com um passado que não se quer nem reproduzir, nem transmitir aos filhos.

A igualdade passou a ser uma norma presente nos discursos, ganhando um peso significativo, muito provavelmente por razões históricas que se alimentam da memória do passado autoritário anterior à Revolução de Abril. Grande parte dos homens entrevistados, em todos os meios sociais, subscrevem a ideia de que igualdade de oportunidades entre mulheres e homens é desejável e deve ser ampliada e promovida. O “machismo” e o “autoritarismo” constituem categorias discursivas criticáveis e descartadas por grande parte dos homens. Pelo contrário, parece ser importante elaborar um auto-retrato associado à modernidade, à igualdade, à figura de um marido e pai presente e apoiante. Ainda que, como se demonstrou nas Partes I e II do livro, as mulheres continuem a arcar mais com as tarefas domésticas e os cuidados aos filhos em muitas famílias, as marcas da passagem de um modelo de ganha-pão masculino para um de duplo emprego conjugal não deixa incólume os “lugares masculinos”. Apesar de

os discursos e os valores andarem um passo à frente das práticas efectivas, a verdade é que, hoje em dia, é muito pouco frequente assumir posições declaradamente conservadoras no que toca ao tradicional poder masculino sobre as mulheres e os filhos. Os movimentos de sentimentalização e familiarização da masculinidade não podem, assim, ser relegados para um segundo plano da análise, não obstante a permanência de desigualdades entre homens e mulheres.

É verdade, não podemos negá-lo, que a forte associação da masculinidade ao mundo profissional continua a marcar muito os papéis de género na família. Com efeito, é transversal a todos os entrevistados a ideia que o homem nunca deve deixar de trabalhar, ou seja, de estar inserido no mercado de trabalho. É mais aceitável para os homens que seja a mulher a fazê-lo, muito embora a realidade mostre, por vezes, o contrário: alguns homens vão também assumindo o papel de “pai doméstico” quando o desemprego ou certas opções familiares assim o determinam; ou vão investindo menos na actividade profissional, de modo a estarem mais presentes na cena doméstica. Mas, em traços gerais, importa salientar também algumas continuidades. Se bem que a ética do homem ganha-pão e único sustento já não traduza o lugar do homem na família, na medida em que se aceita o trabalho da mulher e se conta com a sua indispensável contribuição económica, os homens ainda sentem que é sobre eles que recai a principal responsabilidade económica.. Trata-se, portanto, de um modelo de homem “providenciador”, como procurámos designá-lo, em contraposição ao tradicional modelo do homem “provedor”. Os dois percursos profissionais não são vistos, no entanto e na maioria dos casos, como paralelos e idênticos. O facto de o homem faltar ou deixar de trabalhar – por desemprego, para cuidar de uma criança pequena, por doença – associa-se a elevados níveis de *stress*, a falhas no seu sentido de cumprimento do dever, a lacunas nas obrigações face ao empregador e, mais ainda, a um questionar da identidade masculina. O facto de a mulher deixar de trabalhar durante algum tempo – por desemprego, por licença de maternidade ou por opção para se dedicar a pessoas dependentes ou à casa – é, inversamente, visto como um tempo de oportunidade para a família, embora não deixe de se reconhecer, apesar de tudo, que pode representar um tempo de perda de oportunidades em termos profissionais, nomeadamente em casos de carreira profissional forte.

A par da erosão do modelo de ganha-pão masculino, outra tendência transversal e de grande relevância para interpretarmos os lugares dos homens nas famílias contemporâneas, bem como a emergência de novos modelos de masculinidade, opera-se, indubitavelmente, no quadro da paternidade.

Investigar os homens enquanto pais ou figuras parentais (padrastos) constituiu uma motivação central deste estudo. Mais do que isso, definiu uma perspectiva de análise (dividindo os homens em grupos consoante a sua situação face à paternidade: pais em casal, pais-sós e padrastos), que elegeu a paternidade como um domínio fundamental quer para compreender a mudança nas práticas e nos lugares dos homens, quer para perscrutar as transformações das identidades masculinas. Esta opção ficou, aliás, bem patente na estrutura do livro: duas partes e quatro dos seus capítulos discutem profundamente a questão da paternidade, investigando percursos de homens em diferentes situações familiares e parentais. Seguindo de perto pistas de reflexão teórica florescentes nas abordagens actuais da masculinidade e dos homens, considerámos também, como referido nas primeiras páginas da introdução do livro, a pertinência das dinâmicas de paternidade para a compreensão da mudança no masculino. Voltando a citar Therborn (2004), a criança tornou-se, hoje, absolutamente central para a redefinição do masculino. Como nos diz o autor, ao reflectir sobre o impacto da erosão do patriarcado no último século, uma das mais importantes mudanças operadas reflecte-se em novas formas de apropriação da criança. A perda de poder patriarcal sobre as gerações mais novas tem, como contrapartida, a reconstituição identitária com base num léxico de afectos que se mistura, em doses variáveis, com valores centrados na instrumentalidade e no institucionalismo. Os códigos do amor pelos filhos abrem, sem dúvida, uma janela de mudança na masculinidade tradicional. Se as teses da sentimentalização da vida familiar propostas por Ariès ou Shorter – para caracterizar a construção de uma família moderna que atravessou o século XX – propunham a emergência de um laço afectivo central entre a mãe e a criança, essa relação umbilical e exclusiva é, hoje, cada vez mais invadida pelos homens, também eles desejosos de redefinir os cânones da paternidade, outrora patriarcal e autoritária, assim como de ser uma voz activa na construção da própria fecundidade conjugal. Neste sentido, a criança passa a ser, também, um elemento progressivamente apropriado pelos homens na construção de uma masculinidade mais afectiva.

E a verdade é que os nossos resultados parecem confirmar esta ideia-chave. A esmagadora maioria dos homens adere a uma nova imagem do *pai presente* e do *pai educador*, por oposição à imagem do *pai autoritário*, *distante* e *castigador* do passado. Mas este processo de mudança não decorre sem algumas ambiguidades. Por um lado, devemos sublinhar as tensões sentidas em estabelecer os “novos” limites da autoridade masculina na família. Por outro lado, são também de assinalar as tensões inerentes às dificuldades, sentidas numa vida quotidiana de longos horários de trabalho

profissional e de múltiplas pressões por parte dos empregadores, em concretizar o *modelo do homem/pai presente*. Por fim, são ainda de referir as tensões sentidas no campo da fecundidade conjugal, que, por vezes, escapa à desejada negociação.

As formas múltiplas de construir um lugar dentro da família

Uma segunda grande conclusão prende-se, como referimos inicialmente, com o facto de os caminhos para construir um novo lugar masculino dentro da família serem múltiplos. Por detrás das tendências gerais que enunciámos, a diversidade impõe-se de modo flagrante. Metodologicamente, operacionalizar uma perspectiva teórica que procure enfatizar a diversidade encerrou também algumas opções de fundo, bem patentes nos capítulos deste livro. Procurámos, a partir de cada biografia, sempre singular, encontrar os principais traços de proximidade que uniam determinados homens em torno de um dado perfil, tipo ou lógica. Consequentemente, tentámos apresentar ao leitor diferentes formas de ser homem na divisão do trabalho, na vida conjugal, na negociação da fecundidade e na esfera da parentalidade, trate-se de pais em casal ou das dinâmicas pós-divórcio de homens que assumem a solo os encargos da paternidade, que encontram soluções na guarda conjunta ou que constroem um papel enquanto padrastos. Todas estas situações e percursos enunciam, à partida, diferenças de fundo e, no seu interior, também se afirma a heterogeneidade.

Não basta, portanto, dizer que os pais-sós são diferentes dos que vivem em casal ou dos padrastos; é preciso ir mais fundo na análise e perscrutar, em cada grupo, a sua própria diversidade interna. Entre os homens, os chamados novos tipos de paternidade (como, por exemplo, as situações de guarda conjunta analisadas no capítulo 9) albergam internamente uma significativa margem de variação, ainda que possamos dizer, em traços gerais, que a guarda conjunta com residência alternada participa na transformação das formas de representar e de viver a paternidade na contemporaneidade portuguesa, pois incentiva a concretização de um “modelo ideal de paternidade de proximidade” após o divórcio ou a separação, transições cada vez mais comuns nos percursos de vida dos indivíduos. Contudo, estes homens podem viver esta nova forma de ser pai de modos diversos, de forma mais “assertiva” e orientada para a autonomia, ou de forma mais “conjunta” e partilhada entre os progenitores. Mas este é apenas um exemplo, entre vários. Veja-se um outro, igualmente interessante. Se a grande maioria dos homens aspira à paternidade, como se concluiu no capítulo 7, a verdade é que os seus projectos de descendência e os seus graus de envolvimento no

processo da gravidez e dos cuidados prestados ao recém-nascido são muito diversos, oscilando entre um compromisso intenso com o projecto de ser pai e o acompanhamento à mãe e um distanciamento dessa esfera, ainda considerada feminina por alguns. O envolvimento na parentalidade (veja-se o capítulo 10) revela, igualmente, um alargado leque de variação, mais complexo do que o simples binómio presença/ausência deixaria entrever. O homem, pai ou padrasto, pode ver-se como um amigo e companheiro, um educador, uma figura estatutária, alguém que sustenta materialmente, um simples ajudante ou mesmo alguém que tenta igualar – e muitas vezes apropriar – as competências maternas. As lógicas que presidem ao lugar parental masculino, que aqui tomamos como exemplo, são de facto muito pouco monolíticas, ainda que poucos homens reneguem a importância da presença e da afectividade paterna. Em suma, não existe um único modelo de “ser pai”.

Continuando a nossa argumentação através deste exemplo, e voltando aos resultados apresentados no capítulo 8, onde procurámos delinear perfis de paternidade no Portugal contemporâneo, notamos claramente os caminhos complexos da diversidade entre os pais a viver em famílias “simples” (ou seja, numa primeira conjugalidade com filhos). A variedade de modelos é significativa: desde uma *paternidade igualitária* baseada na autonomia e na paridade do laço que cada progenitor estabelece com os filhos; a uma *paternidade conjunta* em que tudo se partilha de modo mais fusional; ou, ainda, a uma *paternidade de apoio* em que se procura estar presente e ajudar no dia-a-dia; até uma *paternidade paralela* em que predomina a ideia do pai provedor e só presente quando é necessário; passando ainda pela *paternidade electiva* em que homens com uma carreira profissional intensa elegem certos tempos de qualidade para estar com as crianças. Outros modelos podem ser minoritários, mas também se encontram entre os homens que entrevistámos. Um bom exemplo é a *paternidade a tempo inteiro*, um pai que fica em casa durante os primeiros anos de vida da criança, assumindo a escolha feita. Mesmo que situações de desemprego masculino possam estar por detrás deste tipo de opções, trata-se de homens sem problemas em assumir um papel parental mais próximo, que era antes um exclusivo das mulheres, hoje também elas cada vez mais envolvidas nas demandas de uma vida profissional exigente. Nalgumas situações, encontramos ainda uma *paternidade apropriativa* em que, como sucede também entre alguns pais-sós e padrastos, as funções tradicionalmente associadas ao feminino e à maternidade tendem a ser substituídas pelo homem.

Foi, afinal, através deste esforço de investigação intensiva e tipológica que conseguimos trazer à luz do dia um leque de variações que escapariam a

uma estratégia menos minuciosa. Só assim conseguimos descrever a diversidade que adivinhávamos existir por detrás dos discursos dominantes ou de oposições demasiado lineares entre formatos tradicionais e modernos. Contudo, se procurarmos alinhar os homens em movimentos de mudança e de reconstrução de si um pouco mais alargados, conseguimos perceber que muitos homens procuram construir-se enquanto “companheiros”, quer na conjugalidade, quer na relação de paternidade. Este movimento, muitas vezes carregado de dificuldades para eles próprios, sinaliza o distanciamento face a uma matriz de família instituição no seu sentido mais tradicional, a favor de tendências de inclusão do homem no domínio privado, nas próprias interações quotidianas da família. Por outro lado, alguns homens inserem-se num movimento que retrata os processos de individualização operantes na vida das famílias: quer como maridos, quer como pais ou padrastos, é agora o “eu” que emerge com relativa autonomia do “nós”. No seio do casal procura-se resguardar a autonomia individual, construindo um espaço para si; com os filhos tenta-se edificar uma relação fortemente individualizada e não mediada pela figura materna. Podemos entender esta transformação como um movimento do “homem familiar”, acima de tudo empenhado na vida da sua família e na concretização do projecto familiar, para o “homem indivíduo”, orientado para a realização de si e a autonomia individual no casal e na relação pessoalizada com os filhos ou mesmo os enteados. Por outro lado ainda, podemos identificar também, em alguns casos, uma lógica de construção da masculinidade por afastamento e ausência, isto é, uma espécie de “desfamiliarização da masculinidade”. Trata-se, agora, não de situações conformes aos cânones da autonomia modernista (relacional, democrática, idealmente igualitária, empenhada na paternidade presente), mas de vidas masculinas vividas de forma bastante separada em virtude do afastamento do homem, que busca a sua realização pessoal em esferas exteriores ao casal e à paternidade.

Em suma, à semelhança das mulheres, os homens são, também eles, protagonistas das transformações operadas na vida familiar e nas relações sociais de género, muito embora as mudanças verificadas estejam longe de seguir um padrão único. Por um lado, a conjugalização de uma vida familiar centrada nos afectos, na cooperação, na inclusão quotidiana, numa paternidade activa veio desafiar os homens a construir uma masculinidade mais *familiarizada*, mais incluída nas dinâmicas da vida privada. Por outro lado, a individualização crescente de uma família orientada para a realização dos seus membros e a autonomia entre o casal e entre pais e filhos tem-se, também, traduzido na busca de um lugar próprio e de uma identidade masculina autónoma na vida familiar. Todavia, muitas vezes, a

dificuldade de enfrentar a mudança ou de construir uma identidade positiva na vida de casal e na relação com os filhos leva os homens a desfamiliarizarem-se, a encontrarem no afastamento do quotidiano familiar a única forma de construção da masculinidade. Evidentemente, estes movimentos de mudança, assinaláveis nas histórias familiares dos homens, estão longe de ser lineares, homogêneos ou de se conformarem ao simples binómio entre tradicional e moderno. Existem, como se verificou, homens e famílias bastante institucionalistas entre os nossos entrevistados. Além disso, as diferenciações de género continuam a manifestar-se em várias frentes, não só as das desigualdades objectivas (como as horas de trabalho profissional, o nível salarial, a divisão do trabalho doméstico e os cuidados às crianças), mas também as que advêm de concepções profundamente incorporadas sobre feminilidade e masculinidade. Contudo, é sobretudo através de uma *bricolage* de referências (Beynon, 2002) que os homens renegociam os seus poderes e papéis tradicionais.

Apoios e entraves à participação masculina na família

Finalmente, um terceiro aspecto que devemos salientar sinaliza a existência, em simultâneo, de factores de promoção e de entrave à participação do homem na vida familiar. Trata-se, agora, de procurar, mais sistematicamente, explicar as razões subjacentes à enorme diversidade que descrevemos na secção anterior.

Começando pelo lado positivo, ou seja, os principais factores que têm promovido a mudança nos lugares dos homens na família, nomeadamente a sua “entrada” na vida doméstica e nos cuidados parentais, os seguintes aspectos parecem ter um impacto mais significativo:

- Em primeiro lugar, conjugalidades construídas em torno dos valores e das práticas do companheirismo, da igualdade e da negociação. Os casais que, desde o início da vida a dois, desenvolvem laços centrados no diálogo, na entreeajuda, na partilha quotidiana, num projecto parental definido a dois, tendem, ao longo da vida, a organizar-se segundo lógicas de maior envolvimento masculino no dia-a-dia familiar. Essas lógicas reflectem-se, aliás, nas situações de guarda conjunta com residência alternada, tendendo a gerar maiores doses de compromisso e partilha entre pai e mãe mesmo após o divórcio ou a separação.
- Em segundo lugar, destacamos o impacto de uma nova política de família que, como vimos no capítulo 2, tem, nos últimos dez anos, promovido formas mais igualitárias de divisão dos papéis de género.

- Em terceiro lugar, importa salientar, novamente, o crescente impacto do trabalho profissional feminino a tempo inteiro, bem como as novas normas de justiça distributiva na família. Ao promoverem a empatia masculina pela dupla jornada de trabalho das mulheres, gera-se a ideia de que o homem tem pelo menos de ajudar, de maneira a evitar uma excessiva sobrecarga feminina.
- De salientar são, também, alguns aspectos das biografias masculinas. Uma trajectória familiar marcada por certos acontecimentos que “empurram” o homem para dentro da vida doméstica, como, por exemplo, a socialização para o trabalho doméstico ainda em criança, a experiência de viver só enquanto jovem-adulto, as situações de desemprego masculino ou de doença na família, e o nascimento de um segundo ou terceiro filho, constituem “oportunidades” para o homem se realizar enquanto pai e cônjuge mais envolvido, colmatando eventuais falhas e ausências anteriores.
- De grande relevo são, como não podíamos deixar de reiterar, as crianças. Muito frequentemente são os filhos os principais agentes de mudança. São eles a solicitar a presença e o companheirismo do pai, derrubando as hierarquias e as distâncias do modelo tradicional de relação pai/filhos.
- Finalmente, são também de frisar as lógicas de construção das identidades masculinas face aos pares, aos outros homens. Uma identidade e uma estratégia de vida construídas em função do “fazer a diferença” face ao grupo de pares e aos próprios empregadores pouco compreensivos em relação à articulação família-trabalho tende a agilizar a entrada do homem na esfera doméstica e parental. Muitos homens sentem-se diferentes, e de forma positiva, porque resistem às pressões para serem pais pouco presentes e maridos ou companheiros pouco participativos.

Por outro lado, convém igualmente, e não com menor importância, enumerar os principais factores de entrave à mudança nos lugares masculinos na vida familiar:

- Em primeiro lugar, importa salientar a relativa persistência de uma visão diferenciada dos papéis e das identidades de género. Apesar de todos estes homens se sentirem protagonistas de um processo de mudança irreversível, alguns traços tradicionalistas ainda resistem na sociedade portuguesa, embora de forma ambivalente e transformada. Um dos aspectos importantes para explicar esta resistência, senão mesmo o mais importante, reporta-se ao significado da maternidade. Partindo da ideia de que as mulheres são diferentes por serem mães, emerge uma reflexão

frequente à volta do “instinto maternal”, que se associa a laços relacionais e a competências maternas específicas. É, todavia, certo que, enquanto alguns homens acreditam num “instinto maternal” incorporado, natural e para toda a vida, outros sublinham antes um instinto maternal ligado sobretudo a uma fase específica da vida do bebé. Surge com a gravidez, período em que os dois seres, a mãe e o filho, formam uma junção e constroem um laço físico “de pele”; após o parto este laço umbilical pode ou não ser reforçado pela amamentação, mas tende a esbater-se à medida que a criança cresce. No entanto, é inegável que, do ponto de vista masculino, a existência desta junção física e de uma forte identidade mãe-filho na altura do nascimento da criança faz com que os homens tenham de fazer um esforço para entrar na parentalidade e construir laços com o filho recém-nascido, ao contrário das mulheres, a quem é dada à partida, e pela via da “natureza”, a possibilidade de construção de uma relação forte. A questão da maternidade é, inquestionavelmente, como se analisou no capítulo 6, a principal peça de resistência de concepções naturalizantes das diferenças de género.

- Em segundo lugar, o investimento intenso na carreira profissional, sobretudo quando ligado a um projecto forte e de longo prazo de individualidade, pode criar igualmente obstáculos quando o esforço da conciliação trabalho-família recai todo sobre a mulher. Esta situação pode conduzir o homem a um afastamento da vida familiar e pode gerar tensões e culpabilidades pelo investimento prioritário na carreira e em si próprio.
- A pressão exercida por parte dos empregadores ou os horários de trabalho longos ou atípicos podem igualmente constituir entraves, acabando por dificultar a disponibilidade do homem para articular de forma mais igualitária a vida familiar e a vida profissional.
- Destacamos, ainda, um aspecto muito importante que coloca o cerne do problema ao nível da identidade. Muitos homens sentem, e dizem-no abertamente, uma grande dificuldade em conciliar diferentes exigências em termos de género. Por um lado, continuam a sentir-se os principais responsáveis pelo sustento da família. Por outro, querem encontrar um novo papel mais participativo num domínio tradicionalmente feminino. Conciliar as duas coisas pode gerar ambivalência e incerteza. Na verdade, muitas das mudanças operadas nas masculinidades estabelecem estreita cumplicidade com o esboroar das fronteiras entre os traços estereotípicos do masculino e do feminino ou mesmo com o crescente elogio dos afectos e da intimidade (Giddens, 1996). No entanto,

este movimento de “emocionalização” da masculinidade, embora transformativo, não conduz necessariamente à igualdade no equilíbrio de poderes conjugais, podendo gerar ambivalência, incerteza e conflito, como ficou bem patente na análise apresentada no capítulo 5. Alguns dos homens que classificámos como “desfamiliarizados” ou apartados de um maior envolvimento na família, disseram-no claramente, afirmando a sua incapacidade de lidar com as novas expectativas impostas ao masculino.

- Finalmente, importa ainda apontar o papel desempenhado pela cumplicidade e a conformidade femininas com o esquema da desigualdade de género. Muitas vezes as mulheres prescindem da igualdade e da individualidade, para serem o suporte da estratégia masculina e da própria vida familiar. Para compreendermos realmente as mudanças e as continuidades nos lugares dos homens na família, teremos sempre de ponderar a relação estreita, e nem sempre promotora de maior igualdade, entre feminilidade e masculinidade. Dai a enorme importância da família enquanto espaço de negociação e de recriação dos papéis e das identidades de género.

Em resumo, gostaríamos, por fim, de relembrar os seguintes aspectos. Em primeiro lugar, é fundamental a consciência que todos os homens revelam possuir acerca da mudança nos papéis e nas identidades masculinas, normalmente atribuindo às mulheres (sobretudo no que respeita à expansão do emprego feminino e à noção de que isso representa poder dentro da família) o principal protagonismo nesses processos. Por outro lado, essa nova consciência é solidária com as mudanças na família, nomeadamente com a sua democratização. Se a ideia de responsabilidade económica pela família pode persistir, o modelo de homem autoritário e “chefe de família” está definitivamente posto em causa. Em segundo lugar, apesar de se encontrarem, na sociedade portuguesa contemporânea, quer práticas e valores tradicionais, quer práticas e valores modernos, a verdade é que as posições claramente associadas a um ou a outro destes ideários tendem a ser minoritárias. A maioria dos homens encontra-se algures entre um pólo e o outro, tendo, antes, de enfrentar imperativos e solicitações contraditórias, muitas vezes geradoras de tensões. As principais são, como vimos, as que se prendem com a conciliação família-trabalho e com a gestão de diferentes referências identitárias: nomeadamente, a tensa oposição entre um modelo de homem como cônjuge e pai afectivo e participante *versus* um modelo de homem profissionalmente bem sucedido e mais dedicado à vida pública. É sobretudo através de uma *bricolage* de referências que os homens renegoceiam os seus

poderes e papéis tradicionais e vão operando a sua própria transformação. Neste sentido, e em terceiro lugar, vale a pena voltar a sublinhar a tendência para uma maior entrada, ainda que através de múltiplos caminhos, dos homens na família. Desse ponto de vista, as políticas de família relativas à licença de paternidade parecem, em muitos casos, ir ao encontro da vontade e dos ideais dos homens sobre o seu novo papel parental, desejavelmente mais presente, envolvido e íntimo, desde a primeira hora.